



BENASSI, C. A. Conversa bakhtiniana de cozinha. Conto. **Revista Diálogos**. Primeira Impressão, v. 5, n. 1, 2017. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

## **CONVERSA BAKHTINIANA DE COZINHA**

Das cuiabanas, em 05 de abril de 2017.

Mal acabara de tomar o café da manhã, pegou a mochila, arrastou uma das pesadas cadeiras que abraçavam a enorme mesa de lenho maciço, pegou um certo livro de capa branca com uma mancha verde quase circular, que nela trazia algo branco, parecido a uma mão de alguém que perdera um dos dedos, em cuja capa também se podia ler “Marxismo e filosofia da linguagem”.

Sentou-se, retirou e pôs novamente as surradas lentes sobre os olhos, abriu lentamente o impresso, folheou-o parando numa página ainda bem no início, em que se podia observar o título “Capítulo 1 – Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”. Passou os olhos pela lauda, como que se contasse as palavras, presumindo que seria uma longa leitura.

Suspirou fundo.

Pela sua cabeça pairava ainda uma névoa escura chamada signo. E os problemas-da-filosofia-da-linguagem parágrafo a fora, iniciou a densa leitura bakhtiniana e forçosamente se empenhava em compreendê-la, enquanto era observado pela amada mãe, que se ocupara de retirar a mesa e dos afazeres domésticos que se seguiram.

*Slepch...*





Vira a página! Puxa levemente os óculos para baixo – como a professorinha de outrora fazia rotineiramente para conversar com os seus alunos – e punha-se a olhar o emarando de letras por cima das lentes, enquanto sua mãe murmura do fundo da cozinha:

- Não está entendendo, filho?

Retira os óculos da face... respira novamente e leva a mão aos olhos. Faz uma pinça e comprime levemente o cantinho dos olhos, enquanto meneia a cabeça em afirmação e replica:

- Isto é muito difícil, mãe.
- Eu imagino... isso é mesmo necessário?

Indaga a ingênua senhora, ao mesmo tempo que lava uma pequena chaleira como quem estivesse a acariciá-la, e acrescenta:

- Entendo... deve ser por causa do trabalho, n'ê?!
- Sim, mamãe! Ajoelhou, tem que rezar!
- Mas... o que diz mesmo o livro?

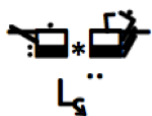
Surpreso, ele, outra vez, respira fundo. Um milhão de coisas passa rapidamente por sua cachola... uma fica: sair pela tangente. Fita a tão singela figura materna com carinho e meio que reticente afirma:

- Signo!

Com ar de reprovação, lembrando as inúmeras lições eclesiásticas tomadas na igrejinha de chão batido e, mais recentemente, na igreja chique de piso elegante da rua, afirma categoricamente:

- Mas filho... pra quê ficar perdendo tempo com isso?!

Uma pausa na conversa, seguida de um longo cafungar duro, podia dizer muito sobre a preocupação daquela senhora e, também, da de seu filho em sair da enrascada em que se metera. Como explicar, para a doce matriarca, que o signo sobre o qual então se debruçara não era o do horóscopo, que sai todo dia no jornal ou no programinha fajuto da TV.





Fitou carinhosamente a querida senhora, sorriu amarelamente por um único lado da boca, puxou uma cadeira e convidou a ingênua mãe a sentar-se, enquanto servia a si e a amada senhora uma xícara de amor quente.

- Mãe, deixa eu lhe falar um pouquinho de minhas estudações!

E enquanto saboreavam doce e quente amor, ele lhe falou de uma certa experiência, tentando figurar-lhe o tal signo que não é o do horóscopo. Certa vez, explicou ele, estivera em sala de aula com as comadres Didi e Rose, a professora Si e mais uma dúzia de outros pares e deu-se conta de que perdera sua caneta. Apavorado indagou:

- Viu minha caneta?

Comadre Didi retrucou de pronto:

- Sossega o facho! Com tantas canetas que tens, perdeste uma... pega outra. Que importância tem.

A doce figura materna o interrompe para explicar que uma caneta custa dinheiro... e que precisa dar a ela a devida importância:

- afinal de contas, foi isso que te ensinei! Não foi?

Ele a fita, respira novamente e lhe diz:

- A questão mamãe é que ganhei essa caneta de uma amiga muito querida, em um dos meus janeiros, em sinal de gratidão por tê-la ajudado nos estudos no ensino médio. Essa caneta já está comigo há 15 anos.

Dizendo isto, procurou fazer a gentil senhora entender que a caneta, em si, era apenas um objeto, mas que, ao mesmo tempo, ela o remetia para algo além de sua própria natureza.

- Mas o que tem a caneta a ver com o tal signo? Interpelou-o a sua progenitora.

Ele, outra vez, cafunga duro e volta a explicação. Disse-lhe suavemente que essa valoração dele sobre a caneta era apenas uma consciência





dele... própria, enquanto, interessada figura materna meneia a cabeça e sorri como quem não está de acordo. Ele tenta emendar:

- Mamãe, a caneta como objeto não pode significar nada... nada além de sua própria natureza. Mas essa minha caneta, ela possui outro valor simbólico que me leva às memórias daqueles tempos seringueirais e me traz as lembranças do que vivi com essa amiga. Me leva aos sentidos que ela evoca...
- E...
- Então... isso... bem, no momento em que eu explico pra Didi tudo sobre essa caneta e ela me compreende, então... nós dizemos que aconteceu uma interação... e da interação surgem os signos. A partir de agora, essa caneta tem outros sentidos...
- É muita coisa pra minha cabeça!

A querida matriarca se levanta ao afirmar isso, enquanto ele arremata explicando que, n'outro dia, Didi, ao encontrá-lo, indagou-o se tinha encontrado A CANETA, isso por que houve um acordo de sentidos na interação entre eles e surgira dali um novo signo!

*Claudio Alves BENASSI (Cao Benassi em arte)<sup>1</sup>  
caobenassi@hotmail.com*

---

<sup>1</sup> Artista pesquisador. Flautista, compositor, poeta e professor da Coordenação de Ensino de Graduação em Letras-Libras - Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK) e REBAK Sentidos. Editor gerente das revista Diálogos e Falange Miúda. Cuiabá.

